



Conjuntura Econômica

Ribeirão Preto/SP

Prof. Dr. Luciano Nakabashi
Gilberto Boaretto e Armando Henrique

PIB trimestral tem crescimento em relação ao mesmo período do ano anterior após 3 anos

No 2º tri./2017, o PIB brasileiro a preços de mercado apresentou crescimento de 0,23% quando comparado ao 2º tri./2016, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), conforme mostrado na Figura 1. O valor adicionado a preços básicos teve alta de 0,3%, enquanto que os impostos e subsídios mantiveram-se praticamente estáveis (crescimento de 0,1%).

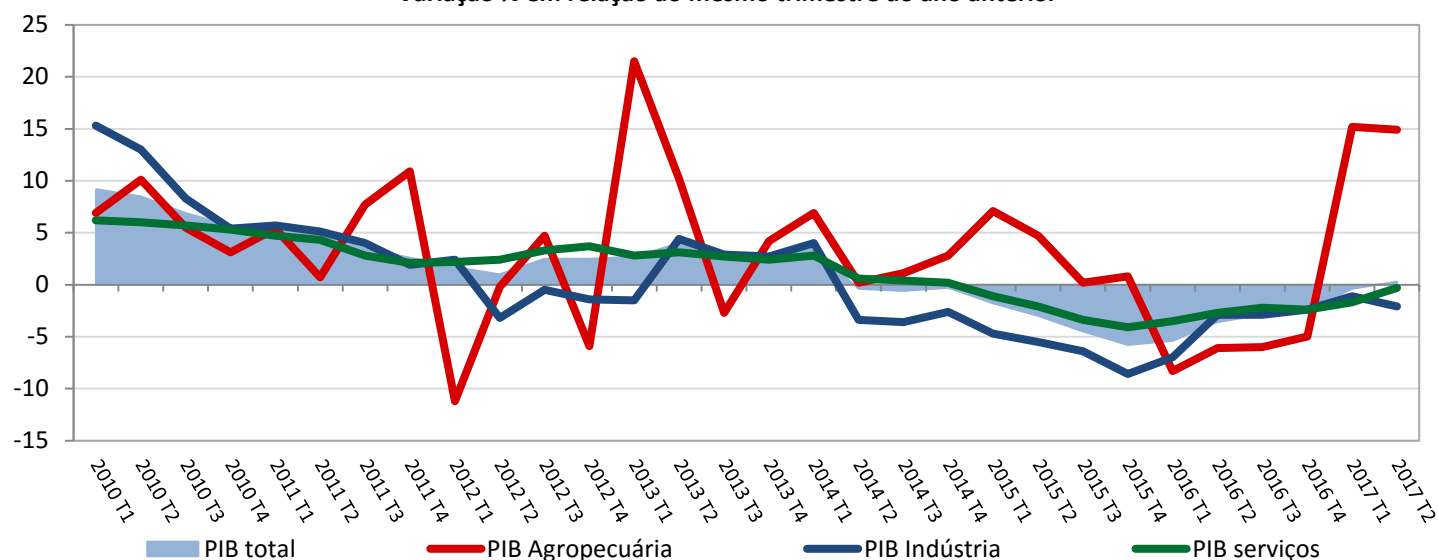
Dentre os setores econômicos, o que mais contribuiu para este crescimento foi a Agropecuária, que no 2º tri./2017 registrou crescimento de 14,9% em relação ao 2º tri./2016. Esse crescimento do PIB da agropecuária é explicado pela boa safra e pelo aumento de produtividade apontado no Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA/IBGE - julho 2017). Além disso, parte dos produtos agrícolas tiveram aumento de preços.

A Indústria, por outro lado, sofreu uma queda de 2,1%. Cabe destacar que a contração da

indústria de transformação de 1,0% foi decorrente, principalmente, da queda da produção de equipamentos de transporte, máquinas, aparelhos elétricos, produtos derivados de petróleo e biocombustíveis, além de alimentos e bebidas. Ainda neste segmento, o destaque negativo ficou com a construção que registrou contração de 7% no valor adicionado. A indústria extrativa mineral, por sua vez, registrou expansão de 5,9% após alta da extração de petróleo, gás natural e minérios ferrosos.

Por fim, o setor de Serviços, no 2º tri./2017, também apresentou pequena variação negativa em relação ao 2º tri./2016 (-0,3%). Os subsetores que mais afetaram negativamente o PIB de Serviços foram os de Informação e de Intermediação Financeira e Seguros. Além desses, também apresentaram resultados negativos as atividades de Administração, Saúde e Educação Pública, além de Transporte, Armazenagem e Correio.

Figura 1 – PIB trimestral: setores
Variação % em relação ao mesmo trimestre do ano anterior



Fonte: IBGE. Período: 1º. Tri./2010 ao 2º Tri./2017.



Conjuntura Econômica

Ribeirão Preto/SP

Prof. Dr. Luciano Nakabashi

Gilberto Boaretto e Armando Henrique

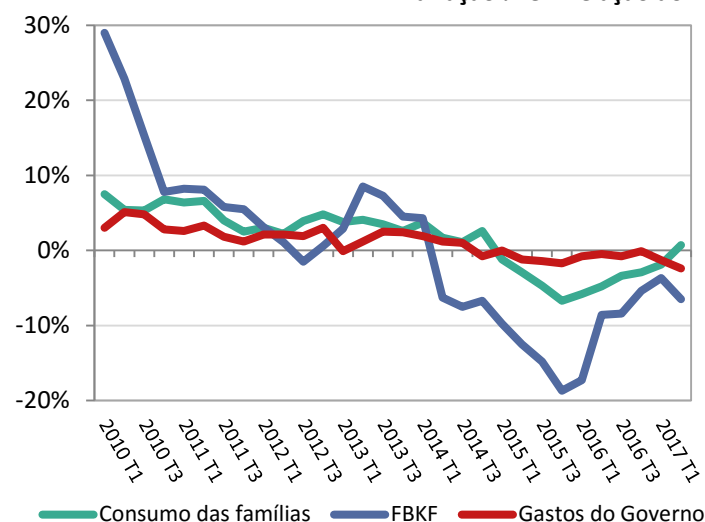
A Figura 2 apresenta as taxas de crescimento em relação ao trimestre anterior dos componentes de demanda do PIB. Primeiramente, destaca-se o crescimento de 0,7% do consumo das famílias, um dos principais responsáveis pelo resultado positivo do 2º tri./2017, sendo que ele vinha em queda nos 6 trimestres anteriores. Destaca-se, também, a relativa estabilidade dos gastos do governo. Os investimentos (formação bruta de capital fixo – FBKF) apresentaram queda de expressivos 6,5%.

O comportamento do consumo das famílias pode ser explicado pela evolução de alguns indica-

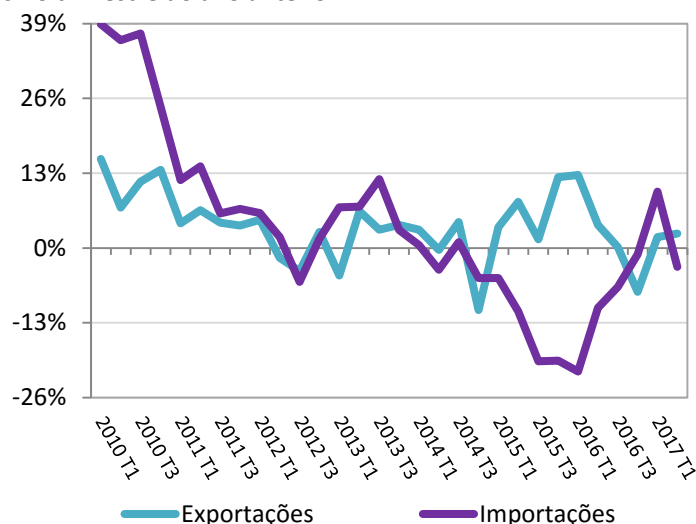
dores macroeconômicos ao longo do trimestre, como a recente queda da taxa de desemprego (Figura 4), a desaceleração da inflação e a redução da taxa básica de juros (Figura 7). Já o resultado da formação bruta de capital físico decorreu da queda das importações de bens de capital e do fraco desempenho da construção.

Em relação ao comércio exterior (Figura 2), observa-se que o aumento nas exportações e a diminuição das importações contribuíram para o aumento do PIB.

Figura 2 – PIB trimestral: componentes da demanda
Variação % em relação ao mesmo trimestre do ano anterior



Fonte: IBGE. Período: 1º. Tri./2010 ao 2º Tri./2017.



Levando-se em consideração a variação percentual em relação ao trimestre anterior (com ajuste sazonal) dos setores e dos componentes de demanda (Figura 3), nota-se que as situações descritas anteriormente a partir das variações percentuais em relação ao mesmo trimestre do ano anterior se mantêm. Um resultado importante é a traje-

tória de recuperação do consumo das famílias (cuja variação percentual se tornou positiva) e do investimento (cuja variação percentual está menos negativa do que antes). A contração dos gastos do governo já notada na Figura 2, também é observada a partir da Figura 3.



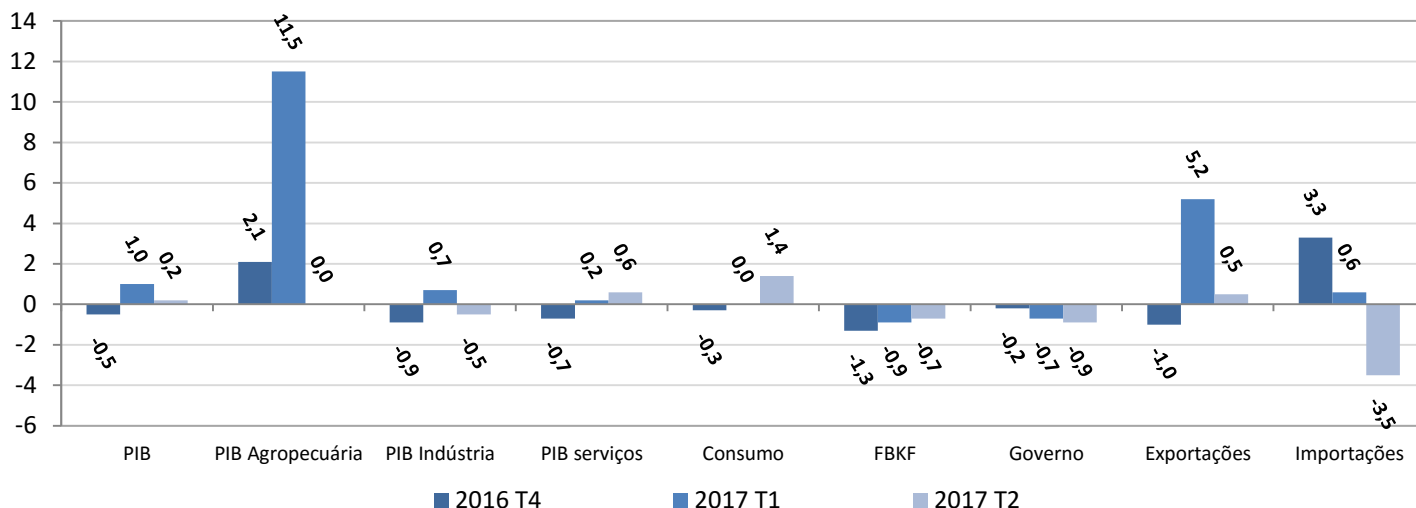
Conjuntura Econômica

Ribeirão Preto/SP

Prof. Dr. Luciano Nakabashi

Gilberto Boaretto e Armando Henrique

Figura 3 – PIB trimestral: setores e componentes da demanda
Variação % em relação ao trimestre anterior, com ajuste sazonal



Fonte: IBGE. Período: 4º. Tri./2016 ao 2º Tri./2017.

Taxa de desemprego volta a apresentar queda após ascensão que durou mais de dois anos

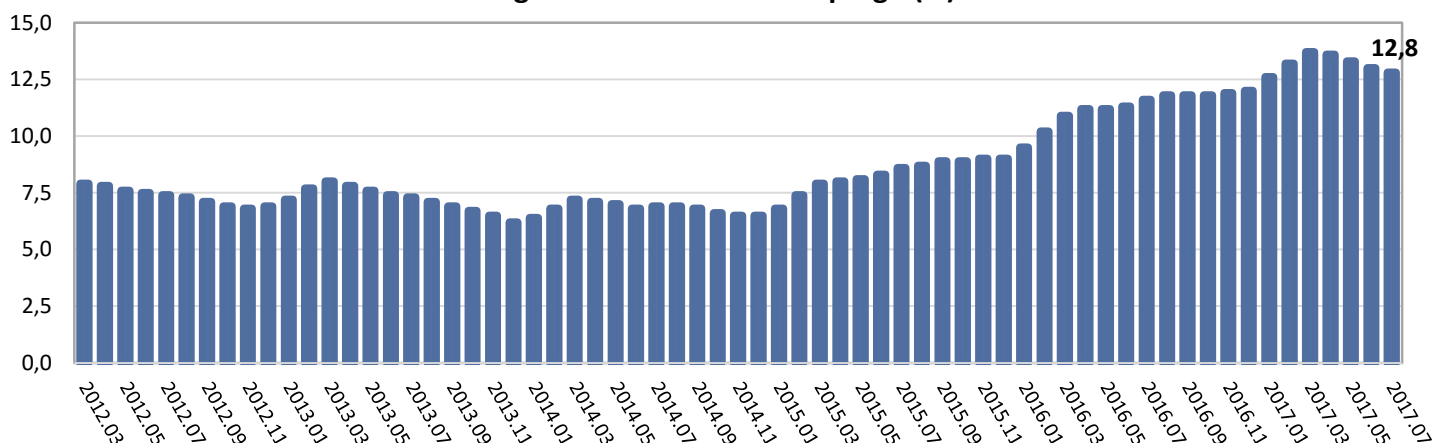
Após passar de 6,5%, em Dez./2014, para 13,7%, em Mar./2017, ou seja, um incremento de 7,2 pontos percentuais, a taxa de desemprego apresentou queda (Figura 4).

Influenciada pelo aumento da informalidade no mercado de trabalho, a taxa de desemprego do país caiu 0,8 ponto percentual, em relação ao trimestre encerrado em Abr./2017 e fechou o perí-

odo de Maio a Jul./2017 em 12,8%, o que representa um total de 13,3 milhões de desempregados.

Segundo o IBGE, no contexto de crise econômica e consequente falta de oferta de empregos formais, a maioria dos 721 mil brasileiros que deixaram a fila do desemprego no trimestre encerrado em julho o fez via informalidade.

Figura 4 – Taxa de Desemprego (%)



Fonte: PNADC/IBGE.



Conjuntura Econômica

Ribeirão Preto/SP

Prof. Dr. Luciano Nakabashi
Gilberto Boaretto e Armando Henrique

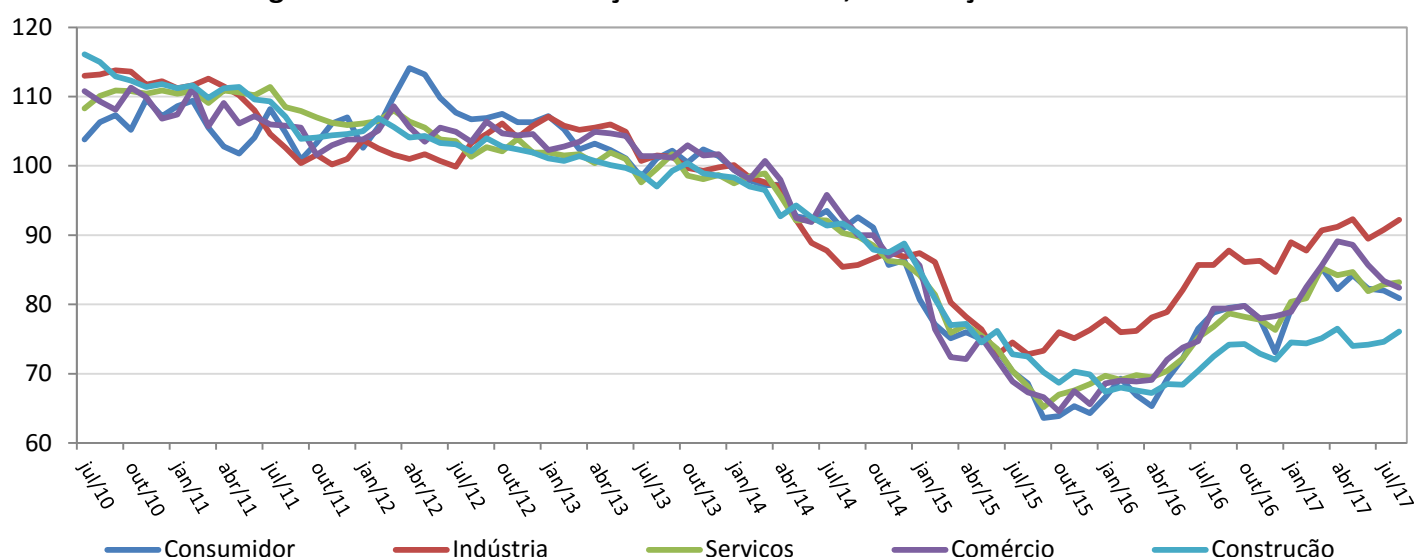
Mesmo com abalos momentâneos, no geral confiança segue processo de retomada

Apesar de os índices de confiança estarem abaixo de 100 (ou seja, ainda há desconfiança) e com instabilidade nos últimos meses pela delação da JBS, é possível observar, na Figura 5, que os índices de confiança estão em trajetória ascendente.

O Índice de Confiança do Consumidor se encontra em um nível relativamente mais baixo, o que decorre da incerteza em relação ao futuro.

Já a confiança dos empresários (determinada pelos índices de indústria, serviços e construção) recuperou, em Ago./2017, boa parte das perdas observadas em junho, após o choque negativo decorrente das delações da JBS. O setor de construção continua sendo o menos otimista, algo diretamente relacionado com a ainda difícil situação vivida pelo segmento.

Figura 5 – Índice de confiança do consumidor, de serviços e da indústria



Fonte: IBRE/FGV.

Expectativas de mercado: melhora sutil do crescimento do PIB de 2017 e de 2018

A Tabela 1 exhibe expectativas de mercado coletadas em 15 de Set./2017 para crescimento do PIB, inflação medida pelo IPCA, resultado primário como proporção do PIB e saldo em conta corrente, para 2017 e 2018, todos divulgados pelo BCB.

Para 2017, a expectativa mediana de crescimento do PIB é 0,6%, enquanto que para 2018, a expectativa mediana é 2,1% – ambas superiores aos valores registrados em semanas anteriores. Tal melhora é reflexo, em grande medida, da divulgação do PIB do 2º tri./2017 que trouxe números acima dos esperados pelos agentes.

A expectativa mediana de inflação acumulada em 12 meses para o fim deste ano é 3,08% e, para o ano que vem, é 4,33%. Sobre as contas do governo, as expectativas mais recentes são de déficit primário de 2,45% do PIB, em 2017, e 2,26% do PIB, em 2018.

O déficit do saldo em conta corrente esperado atualmente é um pouco inferior ao registrado três meses atrás, tanto para o fim de 2017 quanto para o fim de 2018.



Conjuntura Econômica

Ribeirão Preto/SP

Prof. Dr. Luciano Nakabashi
Gilberto Boaretto e Armando Henrique**Tabela 1 – Expectativas de mercado para 2017 e 2018 (coleta realizada em 15/Nov./2017)**

Boletim FOCUS 15/09/2017 – expectativa do mercado para 2017			
Variáveis	Mínimo	Mediana	Máximo
Crescimento do PIB	0,02%	0,60%	1,11%
Inflação (IPCA)	2,52%	3,08%	3,60%
Fiscal - Resultado Primário (% do PIB)	-3,00%	-2,45%	-2,10%
Saldo em conta corrente (US\$ bi)	-27,60	-15,00	-5,00

Boletim FOCUS 15/09/2017 – expectativa do mercado para 2018			
Variáveis	Mínimo	Mediana	Máximo
Crescimento do PIB	1,00%	2,20%	4,00%
Inflação (IPCA)	3,50%	4,12%	5,29%
Fiscal - Resultado Primário (% do PIB)	-2,80%	-2,26%	-1,50%
Saldo em conta corrente (US\$ bi)	-53,30	-32,00	-7,00

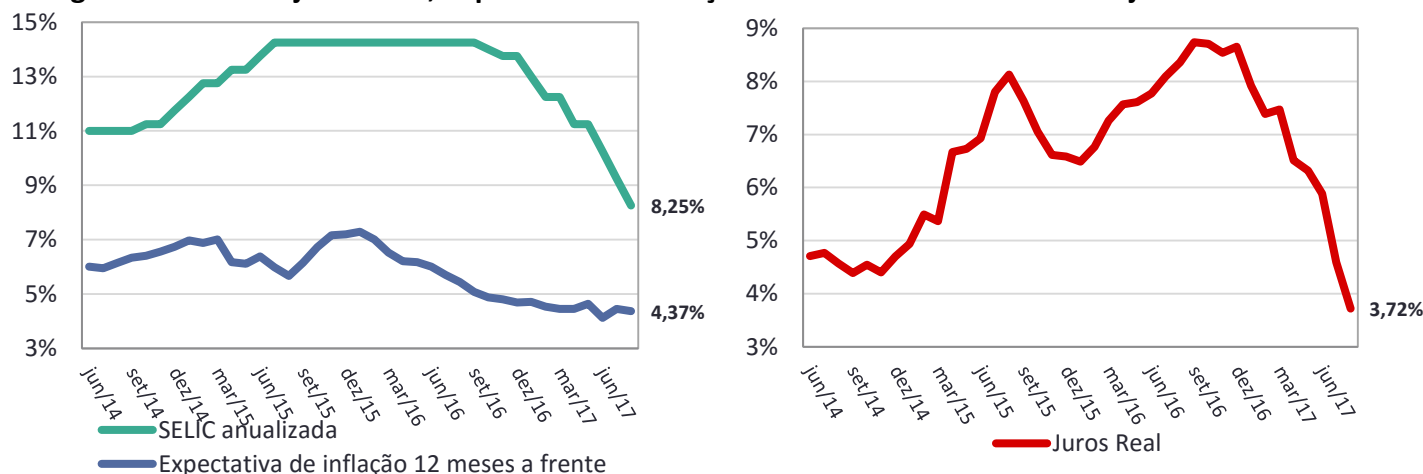
Fonte: Sistema de Expectativas do BCB / Boletim FOCUS.

Redução da taxa de juros (nominal e real) e perspectiva para os próximos trimestres

A queda da taxa real de juros devido à redução da taxa nominal de juros (Selic) e a estabilidade da expectativa de inflação futura (Figura 6) abrem espaço para a retomada da demanda e, portanto, da atividade produtiva no país no segundo semestre de 2017 e ao longo de 2018.

Para a manutenção do processo de retomada econômica após 2018, é fundamental que o

presidente eleito no próximo ano mantenha a agenda de reformas, pois este foco tem permitido a retomada da economia brasileira e será um elemento crucial na manutenção do processo de melhora das expectativas das famílias e das empresas e, portanto, da recuperação dos investimentos produtivos e do aumento do emprego.

Figura 6 – Taxa de juros Selic, expectativa de inflação 12 meses à frente e taxa de juros real no Brasil

Fonte: BCB. Período: Abr./2014 a Ago./2017.

Nota: taxa real de juros é a Selic anualizada descontada da expectativa de inflação 12 meses à frente.